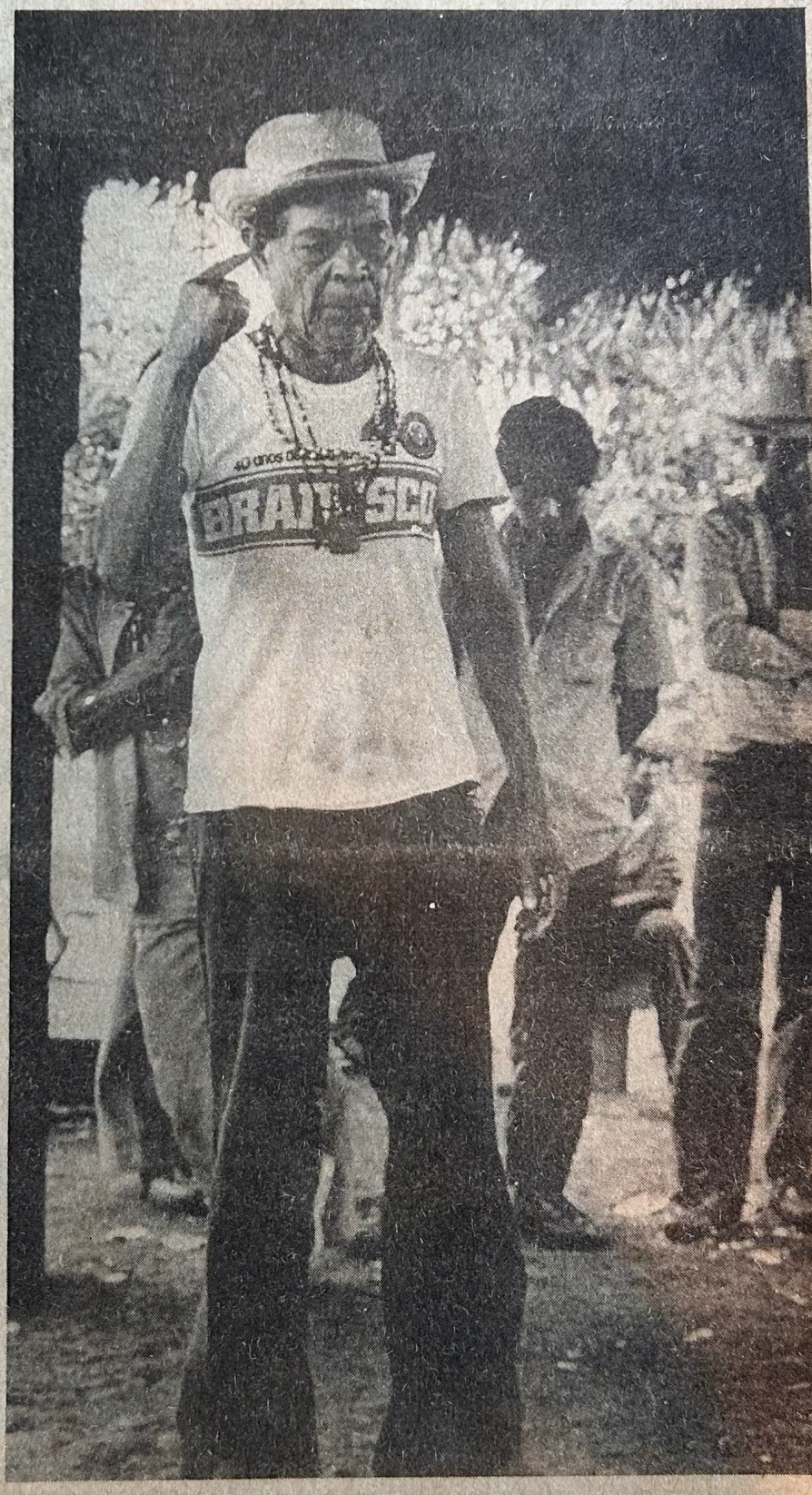
Jornal Indígena

Ano II | Junho/Julho 85 | Nº 4

OCOÍ-PARANÁ

A reunião dos Guarani

Os Guarani de Bracuí



O velho Antonio Branco discursando em Ocoí

Foto: Alvaro Tukano

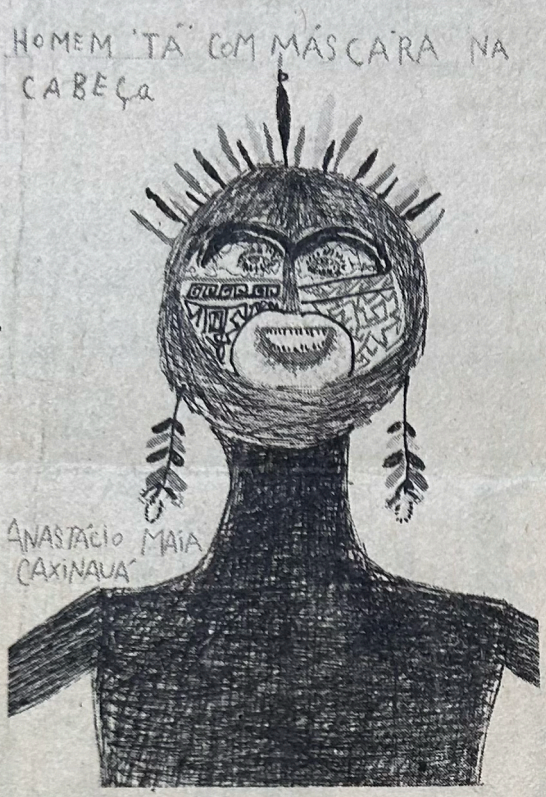


Ilustração Cartilha Caxinawá/Acre

ra conseguirem a demarcação das terras deles através da FUNAI.

12) Pedir apoio das comunidades para formação de pequenas aldeias no alto Uaçá, próximo da BR-156, para ocuparem a área, o que impedirá que estranhos possam se localizar ali. Ocupar também os igarapés: Estrela, Palha e Ig. Grande para evitar a penetração de pescadores.

13) Tentar junto ao governo do território a resolução das pendências do contrato de Comodato feito com a FUNAI e o Termo de Compromisso feito com as comunidades indígenas, neste ano.

14) Explicação da Ajudância sobre trabalhos feitos nas áreas indígenas com outros órgãos, com a prefeitura e com as comunidades. Foi explicado que todos os trabalhos, praticamente, foram realizadas em conjunto ou com outros órgãos (ASTER, SEAG) ou com a prefeitura ou mesmo com as comunidades.

15) Mutirão de limpeza dos limites da reserva e de apoio aos Postos de Vigilância na BR-156: a finalidade é não se perder as picadas e os marcos que estão sendo escondidos pelo mato.

Os postos de vigilância precisam ser ativados e ter apoio das comunidades e da FUNAI para evitar qualquer invasão de garimpeiros na área. Há necessidade de se fazer um mutirão de limpeza dos limites da reserva Uaçá para reativamento das picadas com índios de todas as tribos: Galibi do rio Uaçá, Palikur, Karipuna, a partir do dia 22 de abril de 1985, por cerca de 10 dias.

Os índios Karipuna, Galibi e Palikur deverão sair dia 22 das aldeias e reunirem-se todos no Posto de Vigilância, digo, na ponte do rio Uaçá, no dia 25 de abril, local onde será construído o Posto de Vigilância do Uaçá a ser chefiado por Macial, para a divisão de tarefas.

A Ajudância do Oiapoque ajudará com transportes, no trecho da BR-156, querosene, algum rancho (açúcar, arroz, leite), medicamentos, moto-serra. A Delegacia da FUNAI ajudará com cartuchos calibre 16 e calibre 20, carregados, além de pilhas.

As comunidades indígenas participantes terão que levar farinha, sal, anzol, espingarda, fósforo, tabaco e ferramentas (terçados, machados, foices). Kumaruman e Espírito Santo levarão roladeiras. Atendentes de enfermagem acompanharão os serviços participando de turmas: Anicá irá pelos Karipuna, Lucival pelos Galibi e Nilo pelos Palikur.

O rancho que a Ajudância dará bem como os cartuchos, serão levados para o ponto de encontro, na ponte do rio Uaçá. Na divisão de tarefas do mutirão, além dos serviços de reavivamento dos limites da reserva, haverá também, serviços de apoio ao Posto de Vigilância do Uaçá com a construção de casas bem como no final da reserva Uaçá, no local próximo ao Marco MC-10, na BR-156, para se colocar chefes de Postos para apoio nesses locais de vigilância da reserva.

Foi acertado na reunião que os chefes de Postos: Felipe e Juarez darão apoio na BR-156, Macial e Henrique, nas fiscalizações da reserva, bem como haverá que ter apoio das comunidades a eles. Esse trabalho tem que ser feito logo pra se saber onde ficam os limites, reativar esses locais e mostrar aos garimpeiros que estamos vigiando a área.

Depois desses trabalhos toda as comunidades precisarão continuar realizando trabalhos de vigilância pois a terra é nossa e somente nós índios poderemos conservá-la sem invasores.

Aldeia Karipuna do Manga, 11 de abril de 1985

UNINDO FORÇAS PELA VIDA

Com várias reuniões regionais como a dos parentes Guarani, realizada em Ocoí — no estado do Paraná, onde estiveram presentes representantes das comunidades Nhandeva do Mato Grosso do Sul e M. Grosso, Paraná, São Paulo, Santa Catarina, ou de Assembléia como a realizada pela Coordenação da UNI — numa avaliação extraordinária dos trabalhos do Conselho Indígena Nacional até em trabalhos como a dos delegados indígenas da UNI em Genebra, na Organização das Nações Unidas e representação do Brasil na Conferência Internacional da Juventude Indígena em Saskatchewan, Canadá, o Movimento Indígena vai construindo o seu perfil, o seu quadro e sua maneira de trabalhar na garantia dos direitos do nosso povo indígena assim como na busca de uma maneira de vida e de luta que venha nos assegurar a sobrevivência como povos culturalmente diferenciados, mas acima de tudo como seres humanos plenos.

Pela vida, pela paz. Vamos manter viva a idéia dos nossos ancestrais que na boca do antigo parente Seatlle nos avisou: 'quando o sentido das coisas sagradas desaparecem, termina a vida e aí começa a sobrevivência'.

Neste número do Jornal Indígena você vai encontrar muitas notícias das comunidades indígenas, das lutas e conquistas de nosso povo, assim publicamos com especial destaque um manifesto da UNI — Centro-Oeste, outro da UNI-Nordeste, todos de grande importância para nossa luta.



OCOÍ — PARANÁ

A Reunião dos Guarani

As lideranças Guarani de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Espírito Santo e do Rio Grande do Sul fizeram uma reunião na reserva indígena — Ava-Guarani, no Estado do Paraná. A reunião foi convocada por João Centurião — o cacique da reserva juntamente com seu povo de 26 famílias que totalizam uns 125 pessoas. Essa reserva tinha 1.500 ha e, hoje resta 251 ha, porque o resto a Usina Hidrelétrica de Itaipu inundou. O chefe do PI — Ava-Guarani, o Reinor Vehen e sua família mora fora da reserva e que não podem estar a par de tudo dos problemas indígenas.

Em menos de um mês morreram três crianças. No dia 29 morreu outra. Nessa reunião os caciques falaram muito de união entre as lideranças. Além do mais, os sacerdotes Guarani demonstraram muita força na religião, isto é, foi uma reunião bem conjugada — política e religiosa. Os caciques visitantes eram os seguintes

: ES — João dos Santos — Cacique, João Carvalho — assessor.

SP — Antonio Branco — cacique — 85 anos, Fernando Branco e outros.

MS — Carlos Viralba — cacique e Lucrécio Garcês — assessor.

RS — Juancito Riveras — Cacique, Benito de Oliveira e Augusto da Silva — assessores.

EXPEDIENTE

Edição: Aílton Krenak
Redação: Álvaro Tukano, Paulo Miriacuréu, Domingos V. Terena, José Apolônio Xokó, Anisio Tupã Mirim, Biraci Brasil, Yawanawá, Nimendaju Kaiwá.
Jornal Indígena é uma publicação do Núcleo de Cultura da União das Nações Indígenas/UNI.
Rua Ministro Godoy, 1.484 — CEP 05015 Perdizes — São Paulo — SP — Brasil.

Assembléia Extraordinária da UNI decide Conselho e Coordenadorias

Em reunião realizada nos dias 9 a 13 de junho de 1985 em Goiânia/Goiás, os coordenadores das regiões Norte, Sul, Nordeste, Centro-Oeste, debateram o assunto do **CONSELHO INDÍGENA** que foi eleito no **ENCONTRO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS** — em Brasília, no mês de abril de 1984. Os coordenadores decidiram que irão fortalecer este trabalho da UNI.

O QUE É A UNI?

A **UNI** — União das Nações Indígenas é a maneira que o povo indígena se junta para defender sua terra. A UNI é a organização dos POVOS INDÍGENAS DO BRASIL.

Desde o ano de 1984 que a UNI tem um Conselho Indígena. Agora, nesta reunião aqui de Goiânia decidimos fortalecer este Conselho, para isto, foi apresentado os nomes que estão escritos aqui:

CONSELHO INDÍGENA

POVO	NOME	REGIÃO
Makuxi	Valdir Tobias	Roraima
Karipuna	Mário dos Santos	Amapá
Suruí	Itabira	Rondônia
Guarani	Fernando da Silva	São Paulo
Yawanawa	Biraci Brasil	Acre-Regional Norte I
Apurinã	Rivaldo	Acre-Regional Norte I
Xokó	José Apolônio	Nordeste
Pataxó	Nailton	Bahia-Nordeste
Xavante	Paulo Nonda	Centro-Oeste/Mato Grosso
Bororo	Paulo Meriecureu	Centro-Oeste/MT
Terena	Domingos Veríssimo	Centro-Oeste/MS
Terena	Modesto	Centro-Oeste/MS
Irantxe	Miguel	Mato Grosso
Imutina	Lalico	Mato Grosso
Bakairi	Odi Apacano	Mato Grosso
Xokó	Raimundo B. Lima	Sergipe
Tapirapé	José Pio	Mato Grosso
Rikbatsa	Matias	Mato Grosso
Paresi	Juvenal	Mato Grosso
Munduruku	Martinho	Pará
Apurinã	Agostinho dos Santos	Acre
Kaingang	Sebastião da Veiga	Santa Catarina
Guarani	Pedro Alves	Paraná
Tukano	Gabriel Gentil	Amazonas
Tikuna	Nino Fernandes	Amazonas
Guajajara	Raimundo Nonato	Maranhão
Kaxarari	Antonio Farias	Acre

Estes nomes para o **CONSELHO** precisam ser confirmados nas regiões de cada conselheiro.

O QUE É O CONSELHO?

O Conselho é a reunião de Representantes de Nações Indígenas. Neste Conselho entram representantes de cada povo. Até agora já tem representantes de 60 nações. Vamos juntar mais gente. Ainda falta muitas nações.

Cada região do Brasil já tem um parente que é o **COORDENADOR** deste Conselho.

O QUE É O COORDENADOR?

Coordenador é um representante escolhido pelos membros do Conselho de cada região.

QUAL O TRABALHO DO COORDENADOR?

O coordenador deve trabalhar para resolver os casos das comunidades da sua região. Quando tem algum conflito com fazendeiro. Quando tem briga com o governo. Quando tem que resolver assunto com Funai. Tudo isso o membro do **Conselho**e o **Coordenador** de cada região deve fazer junto com seu povo.

Foi decidido nesta reunião que cada membro do **Conselho Indígena** e os **coordenadores** vão chegar nas suas áreas e contar para os parentes como vai ser o trabalho de cada Conselheiro.

Foi decidido que o **CONSELHO INDÍGENA** com estes nomes aqui indicados, mais os nomes já confirmados da reunião de Brasília em 1984, será a maneira dos povos indígenas responder ao governo e aos brancos, nos casos de **CONSULTA** e **REPRESENTAÇÃO.**

COORDENAÇÃO NACIONAL

Coordenadoria de Publicações: Aílton Krenak
Coordenação Nacional: Álvaro Tukano - Rua Ministro Godoy nº 1484 — Perdizes — São Paulo — Fone. (011) 624246 — Coordenadoria Regional Sul — União das Nações Indígenas — UNI.

COORDENADORES REGIONAIS

1. Paulo Nonda	Centro-Oeste I
2. Dico Sateré	Norte I
3. Biraci Brasil	Norte II
4. José Apolônio	Nordesto
5. Paulo Bororo	Centro-Oeste I
6. Valdir Tobias	Norte III
7. Mário Karipuna (Provisório)	Norte IV (Amapá)
8. Raimundo Guajajara	Norte V (Maranhão)
9. Itabira Suruí	Norte VI (Rondônia)
10. Domingos Terena Ricardo Kaiowá	Centro-Oeste II
11. José Kaingang	Regional Sul (PR, RS, SP, SC)
12. Raimundo Tembé Martinho Munduruku	Norte VII (Pará)
13. Nelson Carvalho	Leste/Sudeste (SP, ES, PR)

Assembléia Extraordinária da UNI decide Conselho e Coordenadorias

Em reunião realizada nos dias 9 a 13 de junho de 1985 em Goiânia/Goiás, os coordenadores das regiões Norte, Sul, Nordeste, Centro-Oeste, debateram o assunto do **CONSELHO INDÍGENA** que foi eleito no **ENCONTRO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS** — em Brasília, no mês de abril de 1984. Os coordenadores decidiram que irão fortalecer este trabalho da UNI.

O QUE É A UNI?

A **UNI** — União das Nações Indígenas é a maneira que o povo indígena se junta para defender sua terra. A UNI é a organização dos POVOS INDÍGENAS DO BRASIL.

Desde o ano de 1984 que a UNI tem um Conselho Indígena. Agora, nesta reunião aqui de Goiânia decidimos fortalecer este Conselho, para isto, foi apresentado os nomes que estão escritos aqui:

CONSELHO INDÍGENA

POVO	NOME	REGIÃO
Makuxi	Valdir Tobias	Roraima
Karipuna	Mário dos Santos	Amapá
Suruí	Itabira	Rondônia
Guarani	Fernando da Silva	São Paulo
Yawanawa	Biraci Brasil	Acre-Regional Norte I
Apurinã	Rivaldo	Acre-Regional Norte I
Xokó	José Apolônio	Nordeste
Pataxó	Nailton	Bahia-Nordeste
Xavante	Paulo Nonda	Centro-Oeste/Mato Grosso
Bororo	Paulo Meriecureu	Centro-Oeste/MT
Terena	Domingos Veríssimo	Centro-Oeste/MS
Terena	Modesto	Centro-Oeste/MS
Irantxe	Miguel	Mato Grosso
Imutina	Lalico	Mato Grosso
Bakairi	Odi Apacano	Mato Grosso
Xokó	Raimundo B. Lima	Sergipe
Tapirapé	José Pio	Mato Grosso
Rikbatsa	Matias	Mato Grosso
Paresi	Juvenal	Mato Grosso
Munduruku	Martinho	Pará
Apurinã	Agostinho dos Santos	Acre
Kaingang	Sebastião da Veiga	Santa Catarina
Guarani	Pedro Alves	Paraná
Tukano	Gabriel Gentil	Amazonas
Tikuna	Nino Fernandes	Amazonas
Guajajara	Raimundo Nonato	Maranhão
Kaxarari	Antonio Farias	Acre

Estes nomes para o **CONSELHO** precisam ser confirmados nas regiões de cada conselheiro.

O QUE É O CONSELHO?

O Conselho é a reunião de Representantes de Nações Indígenas. Neste Conselho entram representantes de cada povo. Até agora já tem representantes de 60 nações. Vamos juntar mais gente. Ainda falta muitas nações.

Cada região do Brasil já tem um parente que é o **COORDENADOR** deste Conselho.

O QUE É O COORDENADOR?

Coordenador é um representante escolhido pelos membros do Conselho de cada região.

QUAL O TRABALHO DO COORDENADOR?

O coordenador deve trabalhar para resolver os casos das comunidades da sua região. Quando tem algum conflito com fazendeiro. Quando tem briga com o governo. Quando tem que resolver assunto com Funai. Tudo isso o membro do **Conselho**e o **Coordenador** de cada região deve fazer junto com seu povo.

Foi decidido nesta reunião que cada membro do **Conselho Indígena** e os **coordenadores** vão chegar nas suas áreas e contar para os parentes como vai ser o trabalho de cada Conselheiro.

Foi decidido que o **CONSELHO INDÍGENA** com estes nomes aqui indicados, mais os nomes já confirmados da reunião de Brasília em 1984, será a maneira dos povos indígenas responder ao governo e aos brancos, nos casos de **CONSULTA** e **REPRESENTAÇÃO.**

COORDENAÇÃO NACIONAL

Coordenadoria de Publicações: Aílton Krenak
Coordenação Nacional: Álvaro Tukano - Rua Ministro Godoy nº 1484 — Perdizes — São Paulo — Fone. (011) 624246 — Coordenadoria Regional Sul — União das Nações Indígenas — UNI.

COORDENADORES REGIONAIS

1. Paulo Nonda	Centro-Oeste I
2. Dico Sateré	Norte I
3. Biraci Brasil	Norte II
4. José Apolônio	Nordesto
5. Paulo Bororo	Centro-Oeste I
6. Valdir Tobias	Norte III
7. Mário Karipuna (Provisório)	Norte IV (Amapá)
8. Raimundo Guajajara	Norte V (Maranhão)
9. Itabira Suruí	Norte VI (Rondônia)
10. Domingos Terena Ricardo Kaiowá	Centro-Oeste II
11. José Kaingang	Regional Sul (PR, RS, SP, SC)
12. Raimundo Tembé Martinho Munduruku	Norte VII (Pará)
13. Nelson Carvalho	Leste/Sudeste (SP, ES, PR)

LIDERANÇAS INDÍGENAS DO NORDESTE NA LUTA



Ilustração Cartilha Caxinawá/Acre

Há muito tempo estamos envolvidos na campanha pela organização da regional da UNI - União das Nações Indígenas, aqui no nordeste. Esta luta faz parte do esforço maior para organizar nosso Movimento Indígena em todo o Brasil. Vamos fortalecer nosso Movimento.

Para isso é preciso reunir todos os parentes, precisamos nos unir. A União das Nações Indígenas só será forte se nós participarmos juntos. É pensando neste fortalecimento da UNI, que estou convocando as lideranças indígenas de cada canto do nordeste para uma assembléia na nossa Aldeia, na Ilha de São Pedro - Sergipe.

Nós que somos líderes de nosso Povo, temos uma grande responsabilidade diante das Comunidades. Quero deixar claro a minha preocupação sobre as Comunidades Indígenas da Região Nordeste neste "Jornal Indígena".

Este ano já discutimos em muitas reuniões a idéia de instalar uma Regional UNI — aqui no nordeste . Esta Regional teria assim o trabalho da UNI-Sul: sustentar o movimento e a luta das lideranças e Comunidades Indígenas da região. Mas antes de decidir esta regional aqui para o Nordeste, vou esclarecer algumas preocupações minhas e acho que é de todos nós que somos líderes e somos responsáveis.

1) Não adianta esta regional funcionar sem ter condições de atender às Comunidades que nos procuram para acompanhar nos seus trabalhos.

2) Me preocupa bastante o trabalho de Coordenação a ser feito em rodízio - com um companheiro responsável em cada ocasião.

3) Me preocupa o companheiro que não visa trabalho pela Comunidade mas para sua própria pessoa. Temos que ver com muito cuidado essas pessoas.

4) Quem assumir este compromisso de ficar à frente da Regional, tem que ficar alerta para as dificuldades que temos de enfrentar diante da Funai, governo, fazendeiros e outros atrapalhantes do movimento indígena.

5) Sou contra o companheiro índio que é funcionário da Funai ficar à frente da Regional da UNI. Acho que se eles quisessem ficar do nosso lado não aceitavam emprego da famigerada Funai.

6) Quero deixar claro que os Coordenadores que assumirem este trabalho devem dedicar ao Movimento Indígena, se preciso for, até derramar nosso sangue, por cada Comunidade, de cada Aldeia das nossas Regionais. Nunca pensar em trair os companheiros.

Contando estas dúvidas, digo isso como amigo e companheiro de luta, isso tudo me deixa bastante preocupado. Espero que cada companheiro, cada líder, pense nos outros parentes.

Muitas vezes, tem Aldeia que já foi resolvido o problema de demarcação, não estão debaixo de ameaças, aí pára de lutar. Olha companheiro se sua Aldeia, sua Comunidade não está em conflito, lembre-se que as outras áreas indígenas estão sendo pisadas, massacradas, mortos, baleados. Vamos lutar juntos! Nós só seremos fortes, respeitados, se estivermos unidos. Vamos conquistar nossos direitos lutando juntos!

Outra preocupação minha na UNI é uma organização nossa. Olha companheiro, quero que cada um índio se lembre de uma coisa: a UNI é nossa, não é do governo. Por isso não podemos exigir da UNI aquilo que ela não

pode dar, aquilo que não tem. Algum companheiro fica pedindo dinheiro para viajar a UNI, quando é possível a UNI tem arrumado, mas quando não tem, as vezes ficam falando. Assim não pode funcionar o nosso Movimento. Vamos cobrar da Funai o que temos direito. Vejam que esses caras que estão na Funai só viajam, para eles não falta dinheiro. Só falta para o interesse dos índios. Nós temos que estar preparados para cobrar da Funai. O Movimento Indígena é para isso: organizar as Comunidades, para poder cobrar os seus direitos. A UNI - União das Nações Indígenas é para isso!

Tudo o que eu falo aqui é com respeito e amor pelos meus companheiros. Temos que estar preparados para tudo isso.

Saudações Indígenas,
Apolônio Xokó

Carta da UNI-Nordeste ao Presidente Sarney

Brasília, 31 de Julho de 1985
Exmo. Sr. Presidente da República

Peço ao senhor, eu SARACURA, com todas comunidades indígenas do Nordeste, que estamos em luta pelas nossas terras, que continuam sendo invadidas por fazendeiros e posseiros.

Nós índios estamos todos reunidos junto a todas autoridades para buscar nossos direitos que temos sobre as nossas terras, porque nós sabemos que esse direito é nosso, só dependemos da sua vontade e das autoridades, que estão no poder.

Nós caciques e nossas comunidades, estamos cansados de sofrer, lutando pelos nossos direitos que temos. Já morreram vários dos nossos irmãos. Queremos que o senhor tome providências para não acontecer mais mortes de nossos irmãos.

Pedimos que o senhor resolva nosso problema, porque índio só tem alegria quando está em paz na sua terra. Após relatar nosso sofrimento, pedimos que o senhor não deixe a gente morrer desamparados, sem nossas terras. Sabemos que o senhor como homem de bom coração e humano que é, vai nos ouvir e vai nos dar, mais uma vez, aquilo que Deus nos deu: A TERRA, para nós trabalharmos e dela tirarmos a nossa alimentação para o sustento dos nossos filhos.

Com a certeza de contarmos com o senhor, nós deixamos aqui o nosso apelo.

Salvador, Bahia
10.08.1985

Dra. Marília Muricy - Vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB-BA
Dr. Euberlândio Guimarães - Comissão de Terras da OAB-BA.
Prof. Pedro Agostinho - Secretário-Geral da ABA
Prof. Ordep Serra - Presidente da ANAI-BA.

As lideranças indígenas abaixo-assinadas, representantes da União das Nações Indígenas do Nordeste (UNI-NE), concentradas desde o dia 9 de julho de 1985 na sede da 17.ª Delegacia Regional da FUNAI, em Salvador, Bahia, agradecem as presenças dos representantes da OAB e do representante da ABA nesta Delegacia, no dia 8 de agosto, para ouvir as lideranças das sete comunidades indígenas no comando desta Regional. A ocupação desta unidade da FUNAI por essas comunidades tem como motivo a reivindicação dos seus direitos de demarcação de terras, assistência de saúde e educação. Até a presente data ainda não fomos atendidos pelo órgão tutor nessas reivindicações.

Estando à espera do Presidente do órgão tutor para tentar um diálogo com as lideranças, pedimos que neste dia se façam presentes para assisitir e participar das nossas conversações. É importante a presença de representantes da Ordem dos Advogados do Brasil para orientação na questão das nossas terras e comprovar a justiça das nossas reivindicações. O setor jurídico da FUNAI é dos piores setores do órgão quando deveria ser um dos melhores para favorecer as demarcações das nossas terras. É também importante a presença do representante da Associação Brasileira de Antropologia por conhecer a nossa questão e por ter provas de que as terras que reivindicamos nos pertencem. No caso das terras da comunidade Pataxó Hãhãhãe, o prof. Agostinho foi perito do juiz, comprovando as acusações dos índios contra o fazendeiro ocupante da ex-fazenda São Lucas. E dos outros casos ele tem conhecimento. A Associação Nacional de Apoio ao Índio-BA tem sempre acompanhado os nossos problemas e conhece as dificuldades que enfrentamos, dialogando com as lideranças da União das Nações Indígenas do Nordeste. Todas estas entidades merecem a confiança dos índios.

Finalizamos, na certeza de que vamos contar com o apoio dos senhores.

As lideranças indígenas do norte de Goiás fizeram uma reunião, na cidade de Araguaína, juntando Krahó, Xerente, Apinajé, Karajá de Xambioá e Santana do Araguaia. Eu estive acompanhando esta reunião como representante da União das Nações Indígenas e também como coordenador da Região Centro-Oeste, que é formada por Mato Grosso e Goiás.

Paulo Meriecureu
Coordenador da UNI
Região Centro-Oeste
Mato Grosso e Goiás

CONSELHO DOS QUATRO POVOS DO NORTE DE GOIÁS

Foto: Tude Munhoz



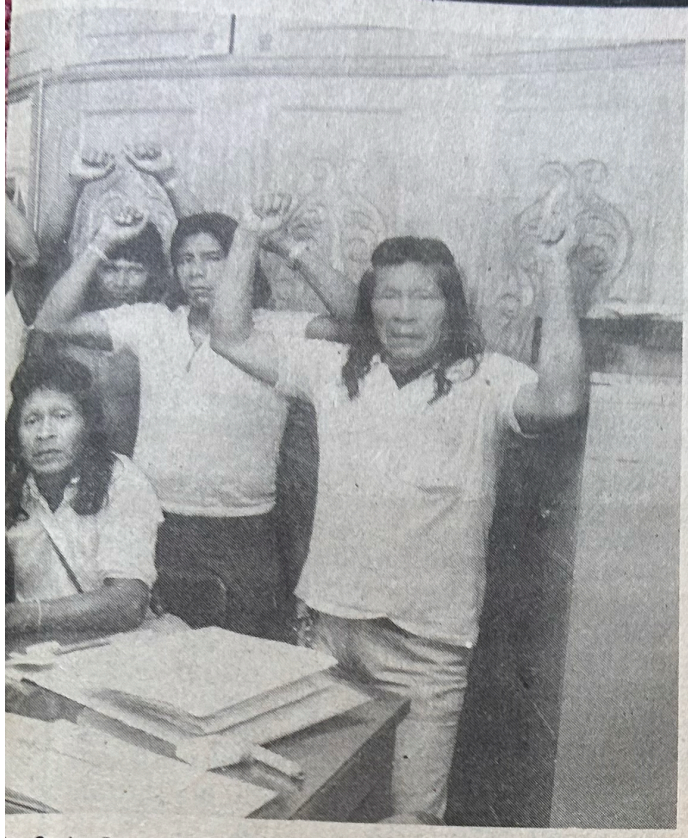
Lideranças Krahô, Xerente e Apinajé no início da organização do Conselh
Araguaína-Goiás.

O Encontro de lideranças teve início no dia 31 de maio. Teve três dias de duração. O pessoal organizou a discussão em grupos. Foram formados quatro grupos de estudo. No segundo dia os grupos de trabalho se reuniram e pediram a presença de todos os funcionários que trabalham naquela delegacia. Queriam que eles soubessem o que as lideranças esperam de cada setor de serviço, como devem trabalhar junto ao índio. Os casos de atendimento aos índios que muitas vezes passam pela delegacia de Araguaína, seja para atendimento de saúde ou para ver assuntos de interesse das comunidades.

Já no terceiro dia, os índios chamaram novamente os funcionários, queriam saber como é o sistema de salários e funções que eles exercem na Delegacia da Funai. Solicitaram também explicações da Coordenadora de Educação da Funai. Perguntaram porque no setor de educação não está tendo verba. A falta de verba para material escolar, para compra de merenda escolar, além da falta de professores em certas áreas, foi muito reclamado. A professora explicou que as verbas destinadas* à educação estão sendo usadas em outros setores, como auxílio financeiro, ajuda em viagens dos índios e compra de outras coisas para atender necessidades dos postos. Isso foi na parte da manhã. Depois, na parte da tarde, foi decidido pelas lideranças a preparação de um documento que seria entregue ao presidente da Funai, Gerson da Silva Alves.

No documento entregue ao presidente da Funai, as lideranças indígenas reclamam melhor atendimento às Aldeias. Fizeram a indicação de Fernando Schiavini de Castro — que já trabalha com eles em Araguaína, para ser o delegado da 16ª DR da Funai. Exigiram a compra de uma casa para dar atendimento ao pessoal em trânsito ou tratamento de saúde* pois lá não tem uma Casa do Índio* que tenha condições de hospedar. O documento entregue ao presidente, também esclarece a criação de um Conselho Indígena* que reúne representantes dos quatro povos: Xerente, Apinajé, Krahô e Karajá de Xambioá e Santana do Araguaia. Este Conselho além de fiscalizar a Funai na região, será o representante do pessoal do norte de Goiás na União das Nações Indígenas.

Após a reunião de entrega do documento, as lideranças comunicaram ao



os Quatro Povos. A foto registra a tomada da Ajudância da Funai em

presidente da Funai que os casos não resolvidos em um prazo de 15 dias, seriam decididos por uma delegação formada pelos Caciques e pelos membros do Conselho Indígena que seguiriam para Brasília.

Depois dos dias cansados de reunião, em um acampamento fora da cidade de Araguaína, cada liderança retornou mais vitoriosa por ter criado um Conselho Indígena, e por outra parte preocupados se a Funai iria cumprir o que foi solicitado no documento.

Massacre em Tocantinópolis

Três semanas depois desta reunião feita pelas lideranças do norte de Goiás, veio a violência.

Na sexta-feira, dia 28 de junho, o índio Apinajé Waldemar foi baleado e morto pelo delegado de polícia de Tocantinópolis (norte de Goiás), região onde foi feita a reunião e criado o recente Conselho Indígena dos quatro Povos: Krahó, Xerente, Apinajé e Karajá.

Vamos aceitar esta agressão?

Não podemos nos calar diante de mais esta violência brutal. O assassino é o próprio delegado de polícia que deveria zelar pelo direito e segurança da população. Ou nosso Povo não faz parte da população, ou nosso Povo não merece o respeito e o acatamento desta justiça brasileira? Onde está a lei, nesta República? Onde! Queremos a abertura de um inquérito, mas não deste inquérito safado que está sendo presidido pelo criminoso delegado de Tocantinópolis. O delegado Sebastião Lima e soldados do destacamento da PM de Tocantinópolis são responsáveis pelas violências que resultaram em morte do índio Waldemar Apinajé e pelo ferimento nos dois parentes, o índio Vicente, de 55 anos e Romaão, de 60 anos — também do povo Apinajé. Estes dois últimos, já idosos, não apresentaram nenhuma ameaça ou resistência aos bravos cowboys de Tocantinópolis, mas foram alvejados com balaços no peito e no abdômen.

Hoje, dia 04 de julho, os parentes membros do Conselho Indígena da região Norte de Goiás, acompanhados dos caciques das Comunidades, estão seguindo para Brasília, onde terão audiência com o Ministro da Justiça. Vamos exigir a abertura de inquérito e punição legal aos criminosos. Afinal, as leis devem ser cumpridas.

* * *

VOCABULÁRIO: O que quer dizer cada palavra

Pessoal em trânsito: São os parentes que precisam sair das áreas indígenas para receber atendimento médico ou resolver algum caso na Funai e outras autoridades.

Casa do Índio: É a casa onde os índios ficam hospedados, dormindo, comendo, quando estão em trânsito. Essas casas são em geral muito sujas, a comida que servem aos índios parece lavagem e os funcionários não têm a menor capacidade.

Conselho Indígena: A UNI — União das Nações Indígenas criou o Conselho Indígena Nacional em 1984. Este Conselho foi criado no encontro que os índios fizeram em Brasília. Agora, cada região está fazendo seu Conselho. Os índios de Roraima já têm, os do norte de Goiás criaram o seu agora. Todos são membros do Conselho da UNI.

BATOCHE: a UNI na Conferência do Canadá

No mês de julho, entre os dias 22 e 26, seguiu para a Canadá uma delegação da UNI para a Conferência Internacional da Juventude Indígena. Representaram a UNI os índios Paulo Miriacuréu, Bororo do Mato Grosso e Biraci Brasil, Yawanawá do Acre.

A conferência foi feita a cidade de Batoche e além de debates e exposições de temas políticos aconteceu também um festival com danças, músicas, jogos, festas de nações indígenas do mundo todo com a participação de milhares de pessoas, índios e não índios.



Biraci Brasil, Yawanawá — Coord UNI — Acre

Este é o discurso que o representante da UNI, Paulo Miriacuréu, da nação Bororo, pronunciou na Conferência Internacional da Juventude Indígena, em Batoche, no Canadá, no mês de julho de 1985.

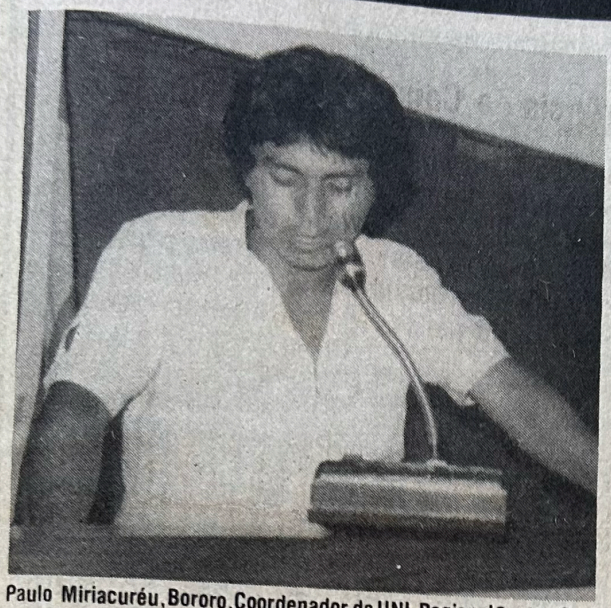
"Quero, antes de tudo, trazer a solidariedade das 180 nações indígenas do Brasil para um apoio geral a esta Conferência Internacional que comemora 100 anos de resistência da Batalha de 16 de novembro de 1885.

Irmãos de várias nações, companheiros de luta, aqui viemos representar e participar desta conferência internacional da juventude indígena do mundo. Aqui somos várias nações indígenas de países diferentes, mas na realidade, com muita dor, podemos ver a situação dos povos indígenas que é precária, sem condições para sobrevivência. As questões indígenas de nível mundial podemos observar que o governo de cada país onde os índios eram donos, não dão grande importância, assim como o governo brasileiro.

Nós, os índios brasileiros, não vemos nenhum sentido na Nova República. Os brancos políticos dizem que a Nova República será de nova conquista e que tudo correria bem para todos: brancos, negros, favelados, trabalhadores, e também as nações indígenas. Mas ocorre que a situação do índio continua para pior, com invasões de nossas terras, penetrações de ricas empresas de mineração, construção de usinas hidrelétrica e assassinatos de líderes indígenas por fazendeiros, policiais. Isso que o Brasil chama de Nova República? Onde está a justiça do país? Não está existindo justiça quando brancos matam índios. Os índios estão sendo assassinados e massacrados. Para os brancos é bom que nós, índios, sejamos extintos.

Os direitos que estão no Estatuto do Índio brasileiro não estão sendo cumpridos. Muitas das vezes o governo não está dando continuidade a assistência cabível ao índio. O que fazem é cortar as verbas de assistência como a projetos de agricultura, saúde educação e outros mais. Não houve nenhuma Nova República para nós índios do país brasileiro.

Estávamos confiantes com a colaboração do falecido Presidente da República, Tancredo Alves de Almeida Neves mas foi interrompida a sua carreira política com a triste trágedia de seu falecimento. Mas nem com o falecimento deste homem que quase assumiu o poder podemos esmorecer a luta. Agora que inicia a nossa luta contra a corrupção que vem sendo praticada contra nós, os índios, pois no Congresso onde tem poder de decisão, demos sorte de ter um parlamentar para mais de 200 mil índios. Mas é necessário que haja mais deputados índios para lutar por nossos direitos para que também possamos participar da constituição brasileira, porque somos Humanos. Nosso direito, cabe a nós reivindicá-lo já que os que devem



Paulo Miriacuréu, Bororo, Coordenador da UNI-Regional Centro-Oeste.

fazer isso não fazem. As nossas terras a cada ano estão com mais dificuldade para serem demarcadas. Pois com a tal da Nova República vai ser feita a reforma agrária. E não queremos que as terras indígenas sejam consideradas como as terras dos grandes latifundiários e fazendeiros que só querem mais terras sem desenvolver a terra. É direito que os trabalhadores sem terra como operários e favelados tenham suas terras para sua sobrevivência mas sem que as terras indígenas sejam afetadas. Já basta o que nos retiram.

Poderemos lembrar que a UNI - União das Nações Indígenas, vem avançando grandes campos de lutas, junto com as lideranças do país brasileiro apesar de que os nossos lutadores, na maioria, são jovens que muito se preocupam com o futuro das nações indígenas daquele país. Mas as linhas políticas do povo indígena não devem ser limitadas em fronteiras. Quanto mais pudermos nos aliar junto às outras nações de outros países será um espaço a mais para a conquista dos nosos direitos que vêm sendo desconsiderados.

Antes de tudo relembro que nestas horas o povo indígena do Brasil está com grandes problemas por causa da falta de interesse do governo e órgãos competentes como o tutor, a Funai. Se é Nova República onde é que fica a situação dos índios? Estamos não só solidários mas apoiando as lutas dos índios de qualquer País do mundo, unamo-nos que poderemos viver a vitória de nossas nações indígenas do Mundo.

A Palavra de Memaücü Tikuna

Os Tikuna estão firme na luta pela demarcação das terras que ainda está sem solução.

Com a demora da promessa, os posseiros que estavam esperando a demarcação já não estão mais acreditando na FUNAI. E para completar as brigas que os brancos fazem contra nós, até a Polícia Militar estão brigando com nós, como aconteceu com os Tikuna da Comunidade de Vendaval, Cajari, Urique e Santa Clara, na noite do dia 18/03/85, na cidade de Benjamin Constant.

A Polícia Militar atirou em 5 Tikuna. Os Tikuna feriram 3 Polícia Militar. Antes do confronto eu fui conduzido a Delegacia local de Benjamin Constant, e logo que me pegaram me disseram que eu era que estava incentivando as aldeias a lutar pela terra e proibindo a entrada de pessoas estranhas nas áreas indígenas já delimitadas pela FUNAI junto com as lideranças Tikuna. E assim fui espancado pela Polícia Militar e a FUNAI disse que iria tomar providência e, até agora não tomou nenhuma medida e nós estamos esperando.

Antes de tudo a Polícia Militar já fazia 3 vezes que já invadia as áreas indígenas e sempre a Polícia Militar dizia que eu não era índio. Mas eu sou índio Tikuna da Nação de Avai, e meu nome na tribo é: MEMAÜCÜ.



Ilustração Cartilha Caxinawá/Acre

Os Guarani de Bracuí/RJ

Aconteceu invasão das Áreas Índigenas de Bracuí, no dia 10 de agosto de 1983. Entraram quatro elementos com ferramenta e armas de fogo comandados por um tal de Rierson Lima de Souza. Eles começaram a abrir uma picada desde a estrada até dentro da área indígena. Aí o filho do cacique, Aparício da Silva, resolveu conversar com os quatro elementos que já estavam quase chegando na porta do cacique com aquele enorme picadão que ia sendo feito por aqueles quatro invadores. O filho do cacique, corajosamente, impediu a continuação do picadão. Aí o patrão dos invarores da área indígena, Rierson Lima de Souza, chamou os índios, principalmente o cacique Argemiro da Silva Karahi, para irem na casa dele. Os índios foram e o Rierson começou a falar com o cacique que iria mandar continuar a abrir o picadão. Depois começou a xingar o cacique e falou que não precisa muita bala pra matar todos os índios. Aí o cacique resolveu ir na Delegacia de Angra dos Reis pra fazer reclamação da invasão da área indígena e também da ameaça de morte que os invasores tinham feito. Mas nada resolveu. Então o filho do cacique, Aparício, foi até o Rio de Janeiro e conversou com autoridades da Funai e também com a Secretaria da Justiça. Aí foram uns repórteres, jornalistas e até televisão. Isso ajudou a comunidade indígena de Bracuí e por isso os problemas de terra dos Guarani de Bracuí se acalmou um pouco, mas mesmo assim tem três elementos que estão contra a comunidade dos Guarani de Bracuí, que sempre estão fazendo ameaça contra o povo indígena. Esses três elementos são: Rierson, o comerciante "Foguinho" e Gino C.A.S. Esse problema da área indígena de Bracuí tem que ser resolvido. Tem que ser tomadas providências o mais rápido que for possível prá melhorar a vivência do povo Guarani de Bracuí, município de Angra dos Reis, no Estado do Rio de Janeiro.

ATROPELAMENTO E MORTE DO CACIQUE ARGEMIRO

O cacique Argemiro da Silva Karahi, que liderou a briga de seu povo na aldeira do Bracuí quando as terras foram invadidas em 1983, foi atropelado e morto no dia 30 de junho de 1984. O atropelamento aconteceu na Rodovia Rio-Santos, Km 113,5, em Angra dos Reis - Rio de Janeiro. Na hora do acidente, o cacique Argemiro estava com o seu genro, Humberto dos Santos. Humberto explicou que os dois estavam brigando porque ele tinha escondido umas compras que fizeram na cidade, mas só de brincadeira e o sogro, o cacique Argemiro, pensou que Humberto tinha escondido de verdade e ficou muito bravo. Os dois começaram a brigar, um correndo atrás do outro, atravessando a pista de um lado para o outro. Na hora que foi atropelado, o cacique Argemiro estava atravessando a pista, correndo com uma lança na mão para pegar o genro. Um carro do tipo Chevett de cor branca vinha em alta velocidade e não conseguiu desviar. O motorista prometeu pagar a família do cacique mas até agora não pagou.

O COMERCIANTE "FOGUINHO"

Perto da aldeia dos índios de Bracuí tem um comerciante chamado "Foguinho" que tem uma venda onde os índios sempre vão para fazer suas comprinhas, pra poder se alimentar. Mas às vezes o índio compra coisa fiado e demora um pouquinho a mais pra poder pagar a conta dele na venda desse "Foguinho".

Então, por isso, o comerciante prometeu jogar o carro dele em cima de qualquer índio de Bracuí, principalmente em cima do Aparício da Silva.

O CASO DE UM TAL DE GINO

Perto da área indígena de Bracuí vive um homem branco com apelido de Gino. O nome dele, certo mesmo, é Cosmo Azevedo da Silva. Ele tem plantação de Banana e dentro da área indígena tem somente uns 60 pés de Bananeira. Isso o Aparício, filho do cacique, que falou. Agora esse tal de Gino não quer que os índios façam roça perto das bananeiras dele. Além disso, prometeu vender a banana que está dentro da área indígena e também vender tudo que é pertence dos índios de Bracuí.

Anisio Tupã Mirim
Aldeia de M'boy Mirim
Litoral Paulista

Os parentes lá do Oiapoque, no Território Federal do Amapá, fizeram uma reunião muito importante. Reuniram os Galibi, Palikus e Karipuna, todos na Aldeia Karipuna do Manga, no dia 11 de abril de 1985. Abaixo o Jornal Indígena publica todas as decisões desta reunião, além das propostas gerais que foram discutidas.

Lideranças do Oiapoque Reunidos no Manga

01) Situação atual da FUNAI e da Ajudância do Oiapoque em termos de mudanças políticas que vão acontecer e da situação financeira delas (falta de recursos). Trabalhos em conjunto com as comunidades.

02) União de todas as comunidades, em mutirões, para a realização de serviços de limpeza de picadas de limites da demarcação, construção casas de apoio nos Postos de Vigilancia, ficalização nos limites da reserva contra garimpeiros, com apoio da AJAIO.

03) Problemas de invasões e necessidades de todas as tribos se manterem vigilantes e impedirem qualquer tentativa de penetração de garimpeiros.

04) Apoios das comunidades e Ajudância aos Postos de Vigilância Uaçá e Kuripi bem como no final da reserva.

05) Necessidade de ida a Brasília, de alguns líderes, para tentarem resolver os problemas da reserva que estão pendentes: realização dos trabalhos finais para a homologação da reserva Uaçá I e término dos trabalhos demarcatórios da área Uaçá II que protege nascentes do rios. A vinda de topógrafos da FUNAI para resolver essas pendências seria muito bom e a partir daí serem tomadas as outras providências quanto a documentação e registro junto ao cartório.

06) Necessidades de dar apoio à Ajudância para que possa resolver junto à FUNAI de Brasília, os problemas de contratação de funcionários que a sede e os postos estão precisando, formação da equipe médica no Oiapoque para dar atendimento melhor para comunidades, compra de motores e equipamentos para enfermarias dos postos e Casa do Índio, compra de radiofonias para os Postos de Vigilância, e apoio para conclusão de trabalhos de construção em diversas áreas com liberação de verbas.



Ilustração Cartilha Caxinawá/Acre

07) Maneira para resolver problemas de transportes do Manga e Postos de Vigilância, devido o caminhão que prestava apoio as comunidades ter ficado quase destruído em acidente. Idéias foram dadas como para devolver carcaça do caminhão para SOSP e pedir ao novo governador do território para dar um caminhão novo no lugar do que foi destruído. Os tuxauas e a Ajudândia terão que procurar fazer isso logo que for possível.

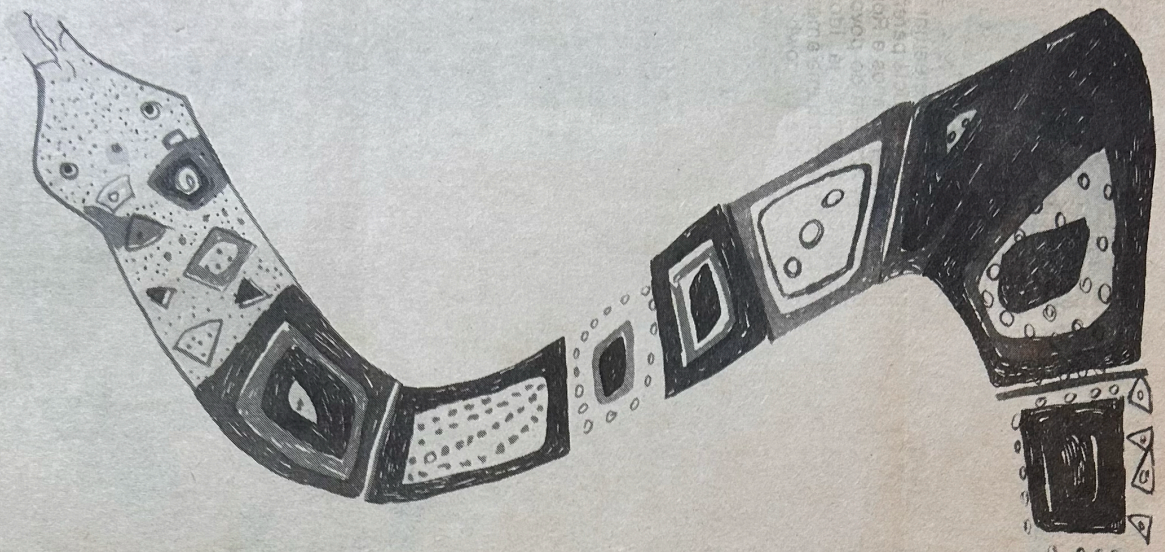
08) Dar apoio aos trabalhos que forem ser realizados pela FUNAI no Lençol e no alto Uaçá, relativos aos acertos finais de demarcação.

09) Continuar o apoio que estava sendo dado ao Juminá para conseguir a demarcação de sua terra. O serviço inicial já foi feito no ano passado: serviço de identificação de área.

10) Manter as comunidades em contato com outras comunidades e com que está acontecendo em outras partes do Brasil indígena, dar apoio e pedir apoio a eles quando necessário.

11) Dar apoio aos índios WYAMPI do PIA. Amapary da Perimetral Norte, pa-

Cultura-UNI



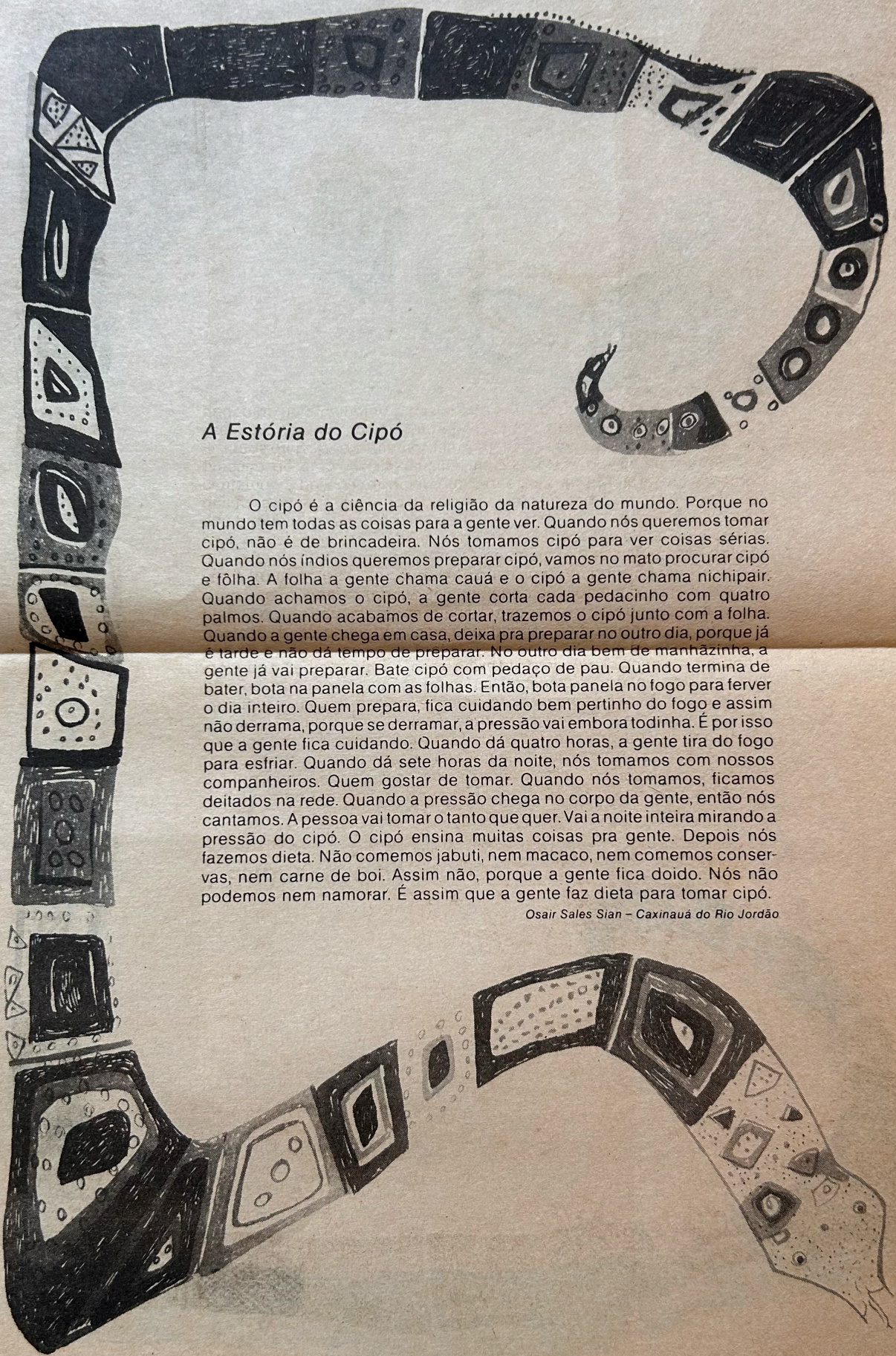
QUANDO A GENTE toma Cipó
VÊ ASSIM

COBRA GIBÓIA

FRANCISCO SenhoZinho
INDIO KAXINAWÁ DO Rio
JORDÃO Municipio TARAUACÁ



CULTURA - UNI



A Estória do Cipó

O cipó é a ciência da religião da natureza do mundo. Porque no mundo tem todas as coisas para a gente ver. Quando nós queremos tomar cipó, não é de brincadeira. Nós tomamos cipó para ver coisas sérias. Quando nós índios queremos preparar cipó, vamos no mato procurar cipó e fôlha. A folha a gente chama cauá e o cipó a gente chama nichipair. Quando achamos o cipó, a gente corta cada pedacinho com quatro palmos. Quando acabamos de cortar, trazemos o cipó junto com a folha. Quando a gente chega em casa, deixa pra preparar no outro dia, porque já é tarde e não dá tempo de preparar. No outro dia bem de manhãzinha, a gente já vai preparar. Bate cipó com pedaço de pau. Quando termina de bater, bota na panela com as folhas. Então, bota panela no fogo para ferver o dia inteiro. Quem prepara, fica cuidando bem pertinho do fogo e assim não derrama, porque se derramar, a pressão vai embora todinha. É por isso que a gente fica cuidando. Quando dá quatro horas, a gente tira do fogo para esfriar. Quando dá sete horas da noite, nós tomamos com nossos companheiros. Quem gostar de tomar. Quando nós tomamos, ficamos deitados na rede. Quando a pressão chega no corpo da gente, então nós cantamos. A pessoa vai tomar o tanto que quer. Vai a noite inteira mirando a pressão do cipó. O cipó ensina muitas coisas pra gente. Depois nós fazemos dieta. Não comemos jabuti, nem macaco, nem comemos conservas, nem carne de boi. Assim não, porque a gente fica doido. Nós não podemos nem namorar. É assim que a gente faz dieta para tomar cipó.

Osair Sales Sian – Caxinauá do Rio Jordão